

UM ESTUDO SOBRE AS PROPRIEDADES DA ESCRITA ENQUANTO INSTRUMENTO DE EXPRESSÃO DO INDIVÍDUO

Claudia Irene Loewenberg PASSALACQUA¹

ABSTRACT: This research refers to writing as the psychic expression of women who belong to a therapeutic group at a public health service. The goal of the research is to investigate the adequacy and efficiency of writing as a way to express inner or even unconscious psychical contents, parallel to speech, which is the most traditional instrument used in psychotherapy. A questionnaire, untitled Auto-Retrato (Self-Portrait), was used for evoking the writing by the women. This instrument of data collection is presented as well as a preliminary analysis, in the light of semantic nets, of the written text by one subject.

Introdução

Ao analisar a escrita de um grupo de mulheres em atendimento psicológico em posto de saúde, com o intuito de observar o que a escrita revela de suas realidades e em que a escrita colabora no desenvolvimento e evolução das questões ligadas ao emocional, às vivências e ao auto-conhecimento, este trabalho situa-se nas áreas de conhecimento de Psicologia Clínica e Lingüística.

Para observar o que a escrita revela sobre as mulheres do grupo, a psicóloga-pesquisadora iniciou, em agosto de 2005, a aplicação de um instrumento denominado “Auto-Retrato” (doravante, AR), o qual se constitui num conjunto de questões que dizem respeito a aspectos os mais variados da existência das mulheres.

Objetivo

O objetivo desta pesquisa é avaliar a adequação e a eficiência da escrita por meio do AR para manifestar conteúdos psíquicos mais subjacentes e profundos, paralelamente à fala, que constitui o instrumento psicoterapêutico mais tradicional.

Justificativa

Enquanto psicóloga clínica, desde 1976, trabalhando em saúde pública desde 1991, tive a oportunidade de conhecer diferentes grupos sociais, com suas diversas formas de usar a língua e a linguagem. Considerando isto, sinto ser necessária a investigação de novos métodos terapêuticos que, ao utilizar a escrita: (1) ampliem as possibilidades

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: clau_loew@yahoo.com.br

terapêuticas; (2) tenham eficiência no resultado terapêutico; (3) e tenham profundidade, no sentido de a escrita trazer conteúdos mais profundos da psique.

O AR foi elaborado na forma de um questionário com questões abertas e semi-abertas, de cunho pessoal, que abrangem desde a história biográfica (nascimento, composição familiar, história escolar, formação profissional, trabalho, casamento, filhos, saúde), conhecimento de mundo (outros bairros e cidades, além de São Paulo, gosto pela leitura, livros lidos, filmes), sonhos e desejos, conscientes e inconscientes (dinâmica familiar, mudança de profissão, casamento, separação, mudança de cidade). Enfim, o AR é composto tanto por questões mais concretas como por questões mais abstratas ou centrais, ou seja, aquilo que compõe a vida física e psíquica do sujeito.

Fundamentação Teórica

Por que investigar a escrita como um instrumento terapêutico, para mulheres de classe sócio-econômica-cultural baixa, com diferentes graus de letramento?

A escrita tem natureza diferente da fala. A escrita fixa-se no tempo na medida em que é registrada em uma forma permanente e evoca também um diferente compromisso com os nossos conteúdos conscientes e inconscientes. Por ser mais lenta, ocorrem nela diferentes processos. A escrita inicia um processo de interiorização no indivíduo.

Ao fazermos vínculo com o conteúdo que flui na escrita, esse processo pode ser estimulado, sendo transformando em qualidade, quantidade e intensidade. A escrita parece surgir a partir de uma reflexão, seguida de uma manifestação de registro como um prolongamento ou síntese da expressão humana.

De acordo com Luria (1987), o processo de compreensão da língua escrita diferencia-se muito do processo de compreensão da língua oral, particularmente pelo fato de que sempre é possível re-ler aquilo que foi escrito, ou seja, voltar voluntariamente a todos os elementos que estão incluídos no texto, o que é completamente impossível na fala.

Citando Engels e Feuerbach, Vygotsky (1984) concorda com a afirmação de que o mundo não deve ser visto como um complexo de objetos completamente acabados, mas sim, como um complexo de processos, no qual objetos aparentemente estáveis e suas imagens em nossas cabeças (nossos conceitos) estão incessantemente em processo de transformação.

Podemos entender o complexo de processos citados por Engels e Feuerbach, por exemplo, no que se refere à aquisição da linguagem e ao desenvolvimento cognitivo, como a expansão da nomeação dos objetos do mundo pela criança (p.e., bola, a bola, bola caiu, etc) e criação de conceitos (p.e. bola vermelha, bola grande, etc). No exercício da escrita pelo adulto, o complexo de processos traz à memória conceitos, modificando-os na medida em que forem vividos, lembrados e escritos.

Como já foi dito, a escrita utiliza-se, no momento de sua produção, dos conteúdos mentais ora presentes: vivências, lembranças ou quaisquer que sejam as marcas de tais conteúdos. Neste sentido, pode explicar-se, na escrita das mulheres, as referências que usam (familiares, fatos sociais, memórias infantis), a escolha das palavras, o estilo, a seqüência das respostas ao Auto-Retrato. Ou seja, a compreensão que se tem do mundo como um todo e da estrutura interna da personalidade.

A escala de Osgood (1954 apud Lane 1972) refere-se a um instrumento que lida com significados psicológicos de palavras, entendidas como indicadores das qualidades a elas atribuídas e detectadas pelo Diferencial Semântico (DS). Este método também é utilizado em estudos comparativos de diferentes culturas e comunidades lingüísticas, entre outros. Para Osgood, o significado contém uma parte dada por respostas emocionais e fisiológicas que acompanham a ocorrência de palavras. Para Figueroa, Gonzalez e Solis (1981), o principal tema desse ponto de vista é a formação das associações entre palavras que dão origem ao significado. O significado de um conceito está contido em suas relações com outros conceitos na memória. Paivio (1971 apud Figueroa et al, 1981) traçou esta relação entre significado e memória. Em geral, o formato de uma definição inclui um número de relações: a classe à qual pertence o conceito, suas propriedades que o fazem único, e os exemplos do mesmo. Dessa forma as relações produzem uma estrutura complexa que inclui os conceitos e lhes dá significado. A memória é um processo ativo de reconstrução, recuperação e elaboração de informações de diferentes tipos que estão armazenadas. A rede semântica é um conjunto de conceitos escolhidos pela memória através de um processo reconstrutivo. Não é dada somente por processos associativos. É dada pela natureza dos processos de memória que escolhem os elementos que a integram.

Para Luria (1987), a relação entre esquemas psicológicos e estruturas lingüísticas complexas é feita pelo entendimento entre a estrutura psicológica dos processos de fala e seus componentes individuais e as condições fisiológicas essenciais para a organização dos componentes da estrutura da fala. Ele considera que a estrutura da palavra é parte essencial da linguagem e da fala. A palavra não é a imagem de um objeto, uma propriedade ou ação; também não é uma associação de uma imagem visual a uma imagem acústica. O autor concebe a palavra como uma matriz multidimensional complexa de diferentes pistas e conexões, a saber: acústicas, morfológicas, lexicais, e semânticas, (por exemplo, em termos morfológicos, *felicid-ade*, *mald-ade*, ou *ansied-ade*; em termos semânticos, hospital, escola, delegacia), sendo que uma dessas conexões pode estar predominante num determinado estado. Essas redes ou conexões formam categorias semânticas altamente complexas em que cada palavra constitui uma unidade generalizada da fala. O componente seguinte à palavra é a frase ou expressão, que pode variar em complexidade e tornar-se uma fala narrativa conexa. Já não se trata mais do processo de generalização categórica de palavras individuais, mas de um processo de transição do pensamento para a fala com a expansão do plano original em frases, com base em códigos sintáticos que incorporam a fala interna, e que possuem uma estrutura argumentativa e predicativa essencial para a expressão narrativa (Vygotsky, 1934; 1956 apud Luria, 1987).

Metodologia

Trata-se de um estudo de caso qualitativo com enfoque fenomenológico. A pesquisa fenomenológica é um método especialmente importante para se estudar como as pessoas “estão sendo” num dado momento. Implica abandonarmos temporariamente aquilo que acreditamos que as pessoas são a partir de nossas próprias perspectivas para,

então, entrarmos em contato com a realidade única do vivido daquele sujeito, ao qual estamos nos dirigindo (Bruns e Holanda, 2003).

O fenômeno a ser pesquisado é a vivência psicológica das mulheres expressa na escrita, por meio do AR, que se constitui no depoimento, e na própria coleta de dados. Bruns e Holanda (2003) propõem fases de tratamento para o depoimento, a saber: 1) visão de todo do depoimento; 2) delimitação dos elementos significativos da experiência; 3) compilação de pontos para uma síntese; e 4) discussão.

Os sujeitos desta pesquisa constituem um grupo de mulheres, em atendimento terapêutico, num posto de saúde, na região oeste, do município de São Paulo. O grupo reúne-se semanalmente, com a psicóloga-pesquisadora e uma terapeuta ocupacional, e as mulheres relatam livremente o que lhes acontece, enquanto procedem à feitura de alguma atividade de criação manual.

São nove mulheres, entre 30 e 61 anos. As queixas, em geral, são de depressão, somatizações, tensões familiares e solidão. O grau de escolaridade varia muito entre elas. Não há iletradas e apenas algumas delas possuem segundo grau completo e curso técnico. Algumas trabalham, algumas estão em licença médica e outras não trabalham mais. Contudo, de modo geral, todas tiveram experiência de trabalho.

O objetivo do grupo é propiciar, entre as mulheres e entre elas e as terapeutas, um espaço para que surjam conteúdos e necessidades de diálogo, colocações, interpretações, ao mesmo tempo em que são realizadas as demais atividades. O grupo funciona da seguinte forma: reuniões semanais de uma hora e meia, nas quais são desenvolvidas atividades, decididas por todos, no início de cada sessão. O método terapêutico tem como base a escuta terapêutica, a partir da qual as terapeutas fazem interpretações pontuais.

O AR constitui-se em um conjunto de 35 perguntas, dispostas em uma pasta, cada pergunta em uma folha, com espaço suficiente para uma ou mais respostas. Foi reelaborado a partir de um questionário aplicado a um grupo de jovens de uma ONG, na periferia de São Paulo (Souza, 2005).

A aplicação do questionário ocorre durante a sessão semanal do grupo de atividades, ocupando entre meia hora e 40 minutos, aproximadamente. Ele não é necessariamente aplicado em todas as sessões. Quando uma das mulheres não quer participar ou responder ao AR, realiza outra atividade. Cada pessoa recebe sua pasta com o AR e inicia as respostas às questões por onde desejar. Cada uma das perguntas pode ser respondida quantas vezes a pessoa quiser. Algumas perguntas podem nunca vir a serem respondidas, e outras podem ser respondidas várias vezes.

A primeira página do AR contém instruções sobre seu funcionamento e inserção nas atividades do grupo, que foram lidas em voz alta pela psicóloga-pesquisadora, e discutidas no grupo, de modo a garantir seu entendimento. Da mesma forma, foi lido e explicado o Termo de Esclarecimento e Consentimento.

Análise de Dados Preliminar

O exemplo apresentado a seguir e a ser analisado refere-se à resposta ao Auto-Retrato, em diferentes datas, por M1 (30 anos, casada há 15 anos, três filhas, costureira, escolaridade: colegial completo).

Pergunta: Você nasceu e vive na mesma casa, bairro e cidade, ou já mudou alguma vez? Se mudou, diga quantas vezes, por que mudou, e conte o que aconteceu.

Primeira resposta em 24/08/2005. Eu nasci em (X), onde vivemos lá, até os seis anos. Aí viemos para (XX) e passamos a morar na antiga favela do (XXX), na casa que meu pai construiu com suas próprias mãos. Vivemos nesta casa até os meus treze anos. Até que meu pai nos levou para morar em (XXXX). De primeira, ele nos dizia, porque seria para o nosso bem. Mas depois fiquei sabendo que era porque a outra mulher dele morava lá. Assim seria mais fácil para ele se locomover de uma casa para outra, sem muito gasto e com mais rapidez. Morei nesta casa até os dezoito anos, quando eu saí para me casar. E depois de casada, vim morar novamente no (XXX), na casa da minha sogra. Morei lá por quase dois anos, até que meu esposo e eu construímos a nossa casa no quintal da avó dele, e antes mesmo que a casa tivesse pronta, eu resolvi que tínhamos que nos mudar, pois eu não estava me entendendo com a minha sogra. Então, achei melhor sair. Já na casa fizemos o acabamento para termos mais conforto. Morei nessa casa por dez anos, até que por desentendimento com meu esposo, resolvemos nos separar. E me mudei novamente. Agora eu voltei para as minhas origens, isso porque, a casa em que estou morando agora é na mesma rua da mesma favela (XXX). Nessa casa, estou me sentindo muito bem, pois tenho liberdade de fazer o que quero sem dar satisfação a ninguém.

Segunda resposta em 19/09/2005: Depois de muito conversar com meu marido, colocamos tudo a limpo, nos entendemos de novo e ele me pediu que voltássemos a viver juntos. Por isso, me mudei novamente para a casa onde estávamos morando. Espero agora só ter que sair de lá para nossa casa própria.

Abaixo foi construída a rede semântica morfológica, no sentido de Luria (1987), tendo como morfema raiz *cas-* e como morfemas gramaticais *-a*, *-ar*, *-ada*.

na casa que meu pai construiu
de uma casa para outra
eu sai para me casar
depois de casada
na casa da minha sogra
a nossa casa
a casa estivesse pronta
casa onde estou morando agora
nessa casa estou sentindo muito bem
a casa onde estávamos

No exemplo acima, as respostas de M1 foram construídas em torno das palavras *casa/casar/casada*, sendo *casa* usada onze vezes, e *casar* e *casada*, uma vez cada. Naquele momento, M1 havia recém saído de casa, onde vivia com seu marido. Dessa forma, M1 pode ter revelado a importância psicológica ou emocional de *casa*, na medida em que traz consigo o complexo de problemas que envolve: a casa construída pelas próprias mãos do pai, a mentira deste para deixar essa casa e mudar para (a) outra

casa, o sair desta casa para casar, o ir morar na casa da sogra, a construção da própria casa no terreno da avó do marido, o acabamento da própria casa, o sair de casa e o voltar para a rua da primeira casa. Por isso, nesse momento, refere: *Agora eu voltei para as minhas origens.*

M1 constrói uma rede semântica em torno das palavras *casa*, *morar* e *mudar*. *Morar/morava/morei/morando* ocorrem sete vezes, *mudar* uma vez e *mudei*, duas. Vale notar que *mudar* funciona como sinônimo de *separar*, talvez porque *mudar* esteja sempre implicado com a questão de *entendimento/desentendimento familiar*, já que *entendimento* é *viver junto (...nos entendemos de novo e ele me pediu que voltássemos a viver juntos...)*. *Morar* e *mudar* são aspectos constantes na vida de M1. Ou seja, estão presentes em uma história narrada dos 6 até os 30 anos.

Conclusão

Não houve intenção de se realizar aqui uma análise exaustiva do exemplo acima. Por meio da escrita, há uma expressão integral do ser. A análise psicológica com base na análise lingüística do texto, na forma de redes semânticas, enriquece a apreensão e o aprofundamento de significados, tanto por parte do terapeuta (leitor), como por parte do paciente (escritor).

Referências Bibliográficas:

- BAJARD, E. (2005) *Ler e dizer – compreensão e comunicação do texto escrito*. São Paulo: Editora Cortez.
- BOSI, E. (1995) *Memória e sociedade – lembrança de velhos*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 4ª edição.
- BRUNS, M. & HOLANDA, A. (orgs.) (2005) *Psicologia e pesquisa fenomenológica – Reflexões e perspectivas*. São Paulo: Editora Omega.
- FIGUEROA, J. G. *et al.* (1981) Uma aproximação ao problema do significado: as redes semânticas. *Revista Latino Americana de Psicologia*, Vol. 13, 447-458.
- LANE, S. M. (1972) “Significado psicológico de palavras em diferentes grupos sócio-culturais”. São Paulo, *Separata da Revista de Psicologia Normal e Patológica*.
- LURIA, A. (1987) *Pensamento e linguagem – as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- OLIVEIRA, M. K. (2005) “Escola e desenvolvimento conceitual”. Trabalho apresentado no 12º. *ENDIPE, Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*, Curitiba.
- SOUZA, N. T. (2005) “Representações das relações entre fala e escrita para um grupo de adolescentes e educadores da Casa dos Meninos”. *Iniciação Científica*, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- VYGOTSKY, L. S. A (1984) *Formação Social da Mente*. São Paulo: Editora Martins Fontes.